

PROJETO DE JARDIM SENSORIAL JAPONÊS PARA UNIVERSIDADE DE MARÍLIA



Irajá Gouvêa¹
José Carlos Plácido da Silva²

GOUVÊA, I. ; PLÁCIDO, J. C. *Projeto de jardim sensorial japonês para universidade de marília*. Revista Assentamentos Humanos, Marília, v13, nº1, p29-35, 2011.

RESUMO

Os espaços livres são elementos importantes na configuração das cidades ou em ambientes particulares, como universidades, proporcionam lazer, relaxamento e descanso, garantindo assim o bem-estar dos seus usuários. Para que esses espaços possam atender a todos os tipos de público, considerando a diversidade humana e as habilidades individuais, deve-se considerar a filosofia do Desenho Universal, bem como os estudos da Ergonomia. Neste contexto, a idéia de um Jardim com características Orientais contemplando os cem anos da imigração japonesa no Brasil, aliado a elementos sensoriais de cunho terapêutico, além do lazer e reflexão passiva surge a intenção de proporcionar uma integração técnica entre um projeto arquitetônico, objetivando atender toda a população e usuário local, como também, grupos específicos de idosos pacientes de psicologia e gerontologia, portadores de necessidades especiais pacientes das áreas de fisioterapia, medicina e educação física.

PALAVRAS-CHAVE: Sensorial, jardim, paisagismo, arquitetura

-
1. Doutorando, PPGDESIGN – FAAC/UNESP - BAURU, e-mail: iraja@unimar.br
 2. Prof. Titular, PPGDESIGN – FAAC/UNESP - BAURU, e-mail: jcplacidossilva@uol.com.br



ABSTRACT

The free spaces are important elements in the configuration of the cities or in private atmospheres, as universities, they provide leisure, relaxation and rest, guaranteeing like this their users' well-being. So that those spaces can assist her/it all of the public types, considering the human diversity and the individual abilities, he/she should be considered the philosophy of the Universal Drawing, as well as the studies of the Ergonomics. In this context, the idea of a Garden with characteristics Oriental meditating the a hundred years of the Japanese immigration in Brazil, ally to sensorial elements of therapeutic stamp, besides the leisure and passive reflection appears the intention of providing a technical integration among an architectural project, aiming at to assist the whole population and local user, as well as, patient seniors' of psychology specific groups and gerontology, bearers of needs special patients of the physiotherapy areas, medicine and physical education.

KEYWORD: *Sensorial, garden, design, architecture*

1. INTRODUÇÃO

A idéia de que os jardins e áreas destinadas a parques e praças seriam benéficos às pessoas deficientes data de muitos séculos atrás. No início do século XX, por volta de 1910, os profissionais da área da saúde começaram a preocupar-se em desenvolver ambientes com estas características, inicialmente em antigos mosteiros, conventos e instituições asilares que pudessem atender a uma determinada população, como velhos, doentes mentais, surdos, paralíticos ou com algum outro

problema motor. Nas décadas que se seguiram muitos ambientes foram desenvolvidos e considerados eficientes para a reabilitação, inclusive com o próprio depoimento dos pacientes. Hoje se sabe que não eram tão bem resolvidos como se pregava em tratados e relatórios experimentais, pois não supriam as necessidades emocionais e psicológicas dos pacientes. Surgiu então, já no início da década de 60, a necessidade de se criar locais próprios que, além de funcionais, mantivessem o paciente mais tranqüilo e dessem a eles o suporte psicológico necessário para lidar com suas limitações. Os espaços abertos, rodeados por jardins e belas paisagem abertas foi abandonada em detrimento aos espaços fechados com equipamentos para exercícios específicos em cada caso, observado nos pacientes. A estimulação promovida pela convivência fora dos centros de tratamento é aos poucos esquecida e finalmente deles restaram apenas algumas citações em compêndios científicos de antigos cientistas ou profissionais da área. Na década de 90, principalmente no ocidente, talvez influenciado pela cultura oriental, novos pesquisadores começam a buscar no passado as falhas nas experiências anteriormente vivenciadas. Ao trazer para o presente, algumas das informações desfavoráveis ao processo, perceberam grandes falhas de caráter técnico científico. Uma destas falhas não estudada e não comentada é a sensorialidade, a redescoberta dos sentidos como elemento terapêutico, mas, mais do que isto, a influência psicológica do aguçamento dos sentidos através de elementos da própria natureza.

Em pouco tempo começaram a surgir alguns movimentos internacionais procurando melhorar a qualidade dos tratamentos através da criação de



espaços acessíveis e que proporcionassem ao paciente o suporte necessário. Foram assim recriados os jardins terapêuticos.

Para que um espaço seja considerado um jardim deste tipo, precisa conter uma quantidade razoável de folhagens e flores. Pode ser construído tanto em um ambiente aberto quanto fechado e seu tamanho pode variar de pequenos espaços internos a grandes áreas em parques urbanos.

Este tipo de jardim é bastante útil no tratamento de crianças temporariamente incapacitadas por acidentes, cirurgias, traumas psicológicos, ou ainda aquelas com deficiência mental e física. A diversidade, a constante renovação e multisensorialidade oferecida por este espaço levam a criança a uma busca constante de novas interações, estimulando seu desenvolvimento físico, mental e espiritual. O adulto se beneficia da mesma estimulação.

Pensando em implantar um jardim japonês, ou seja, um jardim com características dos jardins japoneses antigos, dentro do recinto da Universidade de Marília, para comemorar os cem anos da imigração japonesa para o Brasil e também, homenagear todos

os japoneses e seus descendentes que residem na cidade de Marília, a senhora Fernanda Mesquita Serva, Diretora de Marketing da UNIMAR, encomendou um projeto que atendesse tal necessidade. Ao desenvolvermos o projeto, percebemos que além da plasticidade do jardim, poderíamos agregar neste pequeno espaço elementos sensoriais que pudessem ser explorados pelos vários cursos da Universidade junto aos alunos e principalmente junto a comunidade local e regional do que são os atendidos diariamente.

Assim, surge a proposta de se criar um pequeno jardim simbolizando a cultura japonesa com a delicadeza e bom gosto tão peculiar deste povo oriental, aliado a sua profunda ligação com a natureza, onde através dela, já a séculos exploravam seus benefícios medicinais sobre os sentidos do corpo humano e também sobre sua espiritual.

2. PROJETO DO JARDIM

Para a escolha do local onde seria implantado o projeto, foi considerada a sua posição com relação ao sol, pois

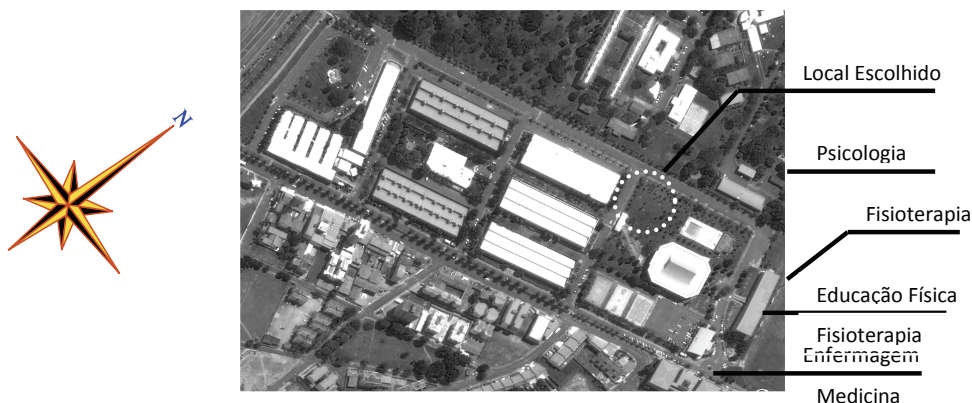


Figura 01 – implantação do terreno dentro da Universidade de Marília / SP

Fonte – Google earth – acessado em 05/07/11



nos verdadeiros jardins orientais, o sol deve atender a entrada principal pela manhã e a tarde, no por do sol, sua visão deve ser contemplada de maneira respeitosa, aceitando mais um dia e a sua majestosa beleza no ocaso.

Além disto, o jardim deveria estar próximo dos cursos que se beneficiariam de seus elementos, bem como, estar próximo de uma via de escoamento e estacionamento (figura 01).

3. IMPLANTAÇÃO DO PROJETO ARQUITETÔNICO

O projeto está implantado no eixo cardeal tendo como referência a linha Oeste (W) e Leste (E), sendo cruzado por outra linha Norte (N) e Sul (S). Sua entrada se posiciona no nascente, na esquina do terreno. Logo na entrada há um piso quadrado em pedra portuguesa apresenta a figura de um eixo cardeal, indicando o posicionamento para o usuário.

Em sua sequência, um Pórtico (*tori*), dá as boas vindas ao usuário, mostrando que ao fundo da passarela esta implantada uma construção típica da arquitetura japonesa, com telhado recurvo, utilizando de madeira, verniz e laca.

Ao longo desta passarela que leva à construção, lanternas (*toro*) ladeiam o caminho mostrando não só o caminho da luz, mas também das energias positivas.

Em todo o lado esquerdo da passarela vegetações cujo significado representam os ancestrais, acompanham o caminhante. Em frente a construção principal, o visitante se depara do seu lado direito com uma torre de 5 andares (pagode), elemento que representa o guardião de todo o espaço a sua volta.

Em seu lado esquerdo, o visitante se depara com um novo pórtico pousado em um espelho d'água representando o espelho da vida, ou seja, quando o visitante é recebido por um pórtico na entrada, com certeza observará outro ao final do caminho.

Em meio ao caminho principal podemos observar um caminho perpendicular que se cruza, levando a esquerda para um deck em pedra representando as forças da natureza. Seguindo o caminho, uma escultura brota da terra fazendo alusão a mistura entre os povos ocidentais e orientais com o símbolo brasileiro, sua bandeira e o símbolo japonês o sol nascente.

Do outro lado deste caminho perpendicular ao principal, podemos notar um elemento redondo com areia, representando a ausência de tudo, símbolo da filosofia Zen Budista, e logo atrás, o símbolo máximo da retidão e da durabilidade, a pedra bruta representada por um conjunto de pedras espalhadas pelo gramado (figura 02).



Figura 02 – Vista em perspectiva da esquina Oeste
Fonte – o autor – programa Sketchup 8

4. IMPLANTAÇÃO DO PROJETO SENSORIAL

O grande desafio neste projeto foi contemplar todos os cinco sentidos

de maneira igualitária e qualitativa. A visão, a audição, o tato, o olfato e paladar foram lembrados rigorosamente para podermos explorar a mente e o corpo do usuário que ali chega para lazer ou tratamento.

4.1. Visão

Ao adentrar ao espaço do jardim, naturalmente o usuário se depara com um mundo diferente do que está acostumado. Todos os elementos, embora artificiais, carregam um significado simbólico da natureza. As luminárias em forma de bambú são compostas em tubo metálico flexionados devido ao peso da luminária, lembrando assim uma vara de pescar. Os bancos, com estrutura em concreto, são revestidos de madeira tipo plaquetas envernizadas, sem encosto, numa altura mais baixa do que a usual.

As lixeiras, também em madeira envernizada, apresentam estruturas em ferro de maneira a passar despercebida sua presença. As pedras em formas monolíticas soltas no jardim, representam um contraste, pois o usuário da região não está acostumado a vê-las com frequência, tendo em vista, não serem próprias de nossa geologia local.

O prédio típico da arquitetura japonesa do período Heian, período áureo da cultura e arquitetura japonesa, demonstra uma simetria significativa, sendo posicionado no eixo do caminho principal.

As texturas dos diversos pisos se diferenciam entre si, causando uma estranheza ao usuário, pois há um contraste entre um piso rústico, logo seguido por um piso polido.

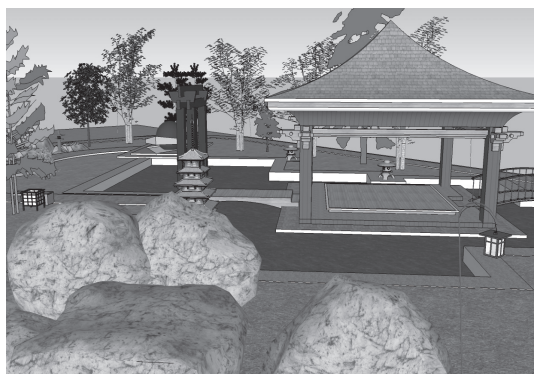
A iluminação se apresenta difusa, quase como da forma original, que era feita por archotes de óleo de baleia.

Esta luz tênue, busca valorizar o sentido da visão para as luzes da natureza.

A água, em forma de espelho (lago) e em cascata, produz uma visão dinâmica, sendo alterada constantemente recriando novas visões. Finalmente, as vegetações, escolhidas não por acaso, mas sim, por seus significados na cultura oriental, apresentam uma reprodução quase idêntica a natural, onde os estratos de forração se integram aos estratos arbustivos e ao fundo aos estratos arbóreos contrastando com o infinito do céu e do horizonte (figura 03).



Figura 03 – luminárias, bancos, lixeiras e pisos (acima) – pagode, pedras e água (abaixo)
Fonte – o autor – programa Sketchup 8



4.2. Audição

A maior virtude de um jardim japonês é o seu silêncio, quebrado apenas pelo movimentar das vegetações provocada pelos ventos. Entretanto, na tentativa de criar mais elementos que explorassem este sentido, foi introduzido também o barulho da água caindo em forma de cascata sobre as pedras e o lago. No pagode, sobre cada pilar de sustentação, há a presença de um sino em bronze, imitando sons diferentes com o balançar provocado pelo vento ou mesmo pelo próprio usuário, que poderá ouvir som nos quatro cantos da edificação.

Finalmente, no espaço interno do pagode, ou seja, na edificação coberta, há caixas de sons que produzirão sons de natureza, tão comumente utilizadas no tratamento do *stress*.

4.3. Tato

Ao adentrar no jardim, o usuário poderá sentir através do tato a textura dos diversos tipos de vegetação. A começar pela forração onde a grama esmeralda estará lado a lado da grama preta e da coreana. Nos estratos arbustivos, vegetações xerófitas, com suas texturas grosseiras estarão em

contraste com vegetações higrófitas, apresentando delicadas superfícies. Cascas de árvores, galhos e folhas serão constantemente observadas pelo tato, visando uma exploração total do espaço. A água, ao ser tocada, mostrará sua volatilidade junto a outros aspectos da natureza.

4.4. Olfato

Neste ponto, podemos dizer que o sentido mais explorado em um jardim japonês é o olfato, pois as vegetações são implantadas de maneira a intercalar floração durante as quatro estações do ano. Portanto, ao passear pelos caminhos do jardim, o usuário estará sentindo o aroma de flores, folhagens, raízes e mesmo da água e da madeira utilizada nos equipamentos recobertos por verniz.

4.5. Paladar

Distribuído ao longo de todo o jardim, vegetações de estrato de forração aromáticas serão plantadas para que o usuário possa degustá-las. Hortelã, Capim cidreira, entre outros, ao mesmo tempo, estratos arbustivos frutíferos serão implantados de maneira a poderem ser colhidos pelo usuário e sabo-

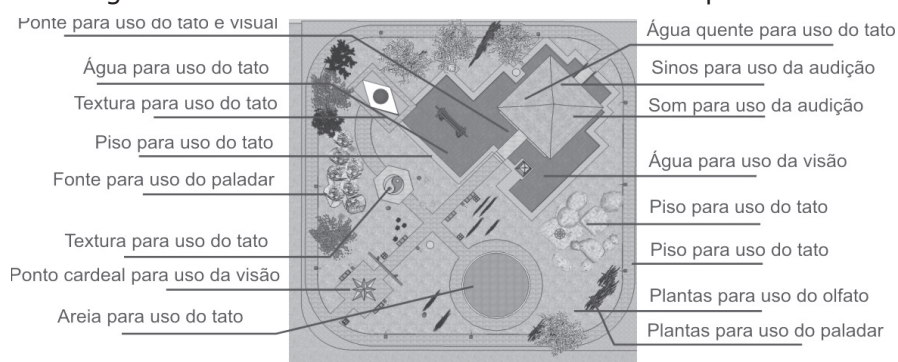


Figura 04 – Implantação – detalhes sensoriais

Fonte – o autor – programa Sketchup

reado, explorando com isto seu último sentido, o paladar. Ao lado da entrada, como de costume, uma fonte será oferecida aos transeuntes que poderão beber desta água, simbolizando assim, o respeito aos antepassados junto as forças da natureza (figura 04).

5. CONCLUSÃO

Acredita-se que estudos desta natureza junto a projetos de arquitetura e design em muito contribuem para o processo de inclusão das pessoas com restrições, vindo ao encontro de um dos interesses atuais da Ergonomia. Atualmente, muitas pesquisas ergonômicas estão voltadas às pessoas com deficiências, seja com relação ao desenvolvimento de equipamentos para a reabilitação ou de tecnologias assistidas, seja na elaboração de metodologias voltadas à inserção laboral, ou mesmo de adaptações nos postos de trabalho. Numa visão mais holística da Ergonomia, que abrangeria as atividades do não trabalho, cabem estudos de adequação dos espaços livres às necessidades das pessoas com restrições.

É sob esse ponto de vista que as diretrizes projetuais descritas neste artigo servem como um apoio aos projetos de Jardins Universais, os quais consideram, juntamente com os elementos da arquitetura paisagística, critérios que contemplam a todos na concepção de espaços livres públicos.

Em um momento único, tivemos o prazer de realizar um projeto de um jardim oriental, onde buscamos toda sua essência e significado, entretanto, mais ainda, ao aceitarmos o desafio de incluir neste projeto elementos de tratamento sensitivo, tivemos que integrar o conhecimento oriental às práti-

cas modernas de tratamento e reabilitação.

Seja o idoso, foco de minha pesquisa, seja a criança com problemas motores ou neurológicos, seja o adulto vitimado por acidentes ou distúrbios neurofisiológicos, esta é sem dúvida a contribuição que os profissionais da área de criação podem sentir-se realizados pessoalmente, objetivando o crescimento não só do indivíduo, mas de toda a sociedade.

6. REFERÊNCIAS

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050/2004 - Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificações, espaço, mobiliário e equipamento urbano. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.

BRASIL. Lei Federal nº 8213/91, de julho, 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Brasília, 1991.

DORNELES, Goulart Dorneles. Acessibilidade para idosos em áreas livres publicas de lazer. Florianópolis, 2006. 178p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação, UFSC, 2006.

IIDA, Itiro. Ergonomia: projeto e produção. 2ª edição. São Paulo: Edgard Blücher, 2005